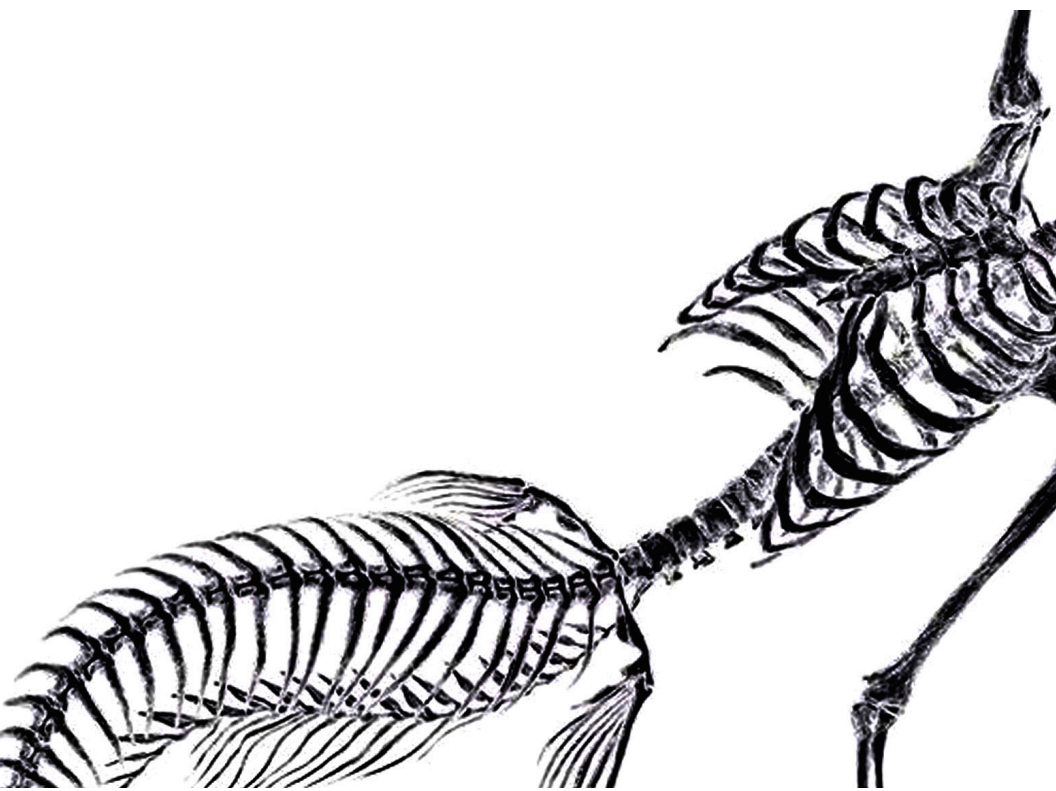


UMA CASA DENTRO DOS OSSOS

demetrios galvão





Uma casa dentro dos ossos





Colección Libros
Imposibles

Uma casa dentro dos ossos

Demetrios Galvão

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2025-

Galvão, Demétrios, 1979

Uma casa dentro dos ossos / Demétrios Galvão --1ª ed.--

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2025.

124p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 42 >

<Digital>

1. Poesía brasileña. 2. Literatura brasileña.

I. Título.

Primera edición, 2025

Colección Libros Imposibles #42

© *Uma casa dentro dos ossos*

© Demétrios Galvão

Diseño editorial:

Melvyn Aguilar

Portada & ensayo fotográfico:

Florianio Martins

Coordinación editorial:

Juana M. Ramos

Corrección filológica:

El autor



› a inconstância dos fluxos(2025)



um lençol cobre a pele grossa

um reino de silêncios assobia na epiderme

são marcas de um plano líquido
manchas de uma pedagogia lírica
alegrias guardadas em pequenas cascas

uma vida deita rastro na terra fina
um lençol cobre a pele grossa
sonha a cabeça protegida dos trovões

sobre frágeis esperanças
um museu organiza memórias
de uma existência que se desejou viver

líquida vazante do pensamento das chuvas

o mundo feito com as mãos

no universo antropomágico
do mundo feito com as mãos
existem seres bonitos em sua simplicidade
uns visíveis e outros invisíveis
essa comunhão que frutifica
uma espiritualidade suave

de mãos dadas com a mística do mundo
o ciclo cósmico renova ruínas
e a força transformadora
produz alimentos
molda idades abstratas
reluz palavras na escuridão

a humanidade come na mão da natureza

a grandeza do rinoceronte

a grandeza do rinoceronte
habita na exclusividade de sua ternura
na paciência circular que digere o dia
faz sol e chuva ao mesmo tempo na sua
circunferência
– um encanto de sua natureza

a grandeza do rinoceronte
está na missão que sustenta no olhar
conservar os ritmos internos e externos
de sua própria materialidade
– manter a vida florestal a salvo da civilização

a grandeza do rinoceronte
passa por sua ecologia sobrenatural
pelo microcosmos invisível que leva nas costas
pela ética da caça e
o limiar de sua extinção

o rinoceronte carrega na sua ancestralidade
a linguagem da sobrevivência

cinema celeste

para gary snyder

assistir ao cinema celeste
projetado em nuvens
do colorido pôr do sol ao
breu do céu noturno
olhos emitem e recebem imagens

– um maquinário sofisticado
com imaginação incomparável –

a caixa ossuda salva as impressões
no seu interior
(um cofre)
que guarda retalhos preciosos.

a sorte se esconde no amanhã

quando o motor pega no tranco
e o clima pesa sobre os ombros
penso na vida de minhas gatas
e imagino o que elas sonham
essa imagem preservo por dias
emolduro e guardo

calculo o que vejo
meço, peso, observo
a febre dos animais
a alegria dos peixes
a conversa das estrelas

sei que as sementes da voz
se expandem na boca do tempo
não há fundamento maior que a coragem

o amanhã traz uma sorte desconhecida.

a inconstância dos fluxos

uma porção de vida felina
dorme em minhas mãos
observo a força vibrar
no corpo de 200 gramas

por um instante, penso
na poeira cósmica que nos cobre
do nascer do mundo ao algoritmo
uma inteligência artificial
que planeja o nosso futuro

esse lapso que dura
uma eternidade de incertezas
oferece margens difíceis de saber
onde pôr os pés
qual melhor forma de plantar?
para qual deus dar atenção?

agora mesmo
uma performance pandêmica
sincroniza a atenção dos expectadores
no seu espetáculo mortífero
transforma nomes de família
em vazio numérico

em algum lugar do país
uma pessoa precisa encher os pulmões de ar
mas a atendente diz que está em falta
explica que é uma espécie de castigo
por maltratarmos o planeta

volto para a pequena porção de vida
em minhas mãos
contemplo sua saúde
pelo rastro que deixa
pela vontade de comer de hora em hora

uma infância se prepara para a inconstância dos fluxos.

comunhão

o peso do voo é um teorema
compreendido apenas em sonho
movimento estendido no azul
vida vagando no ar

todos os dias
dou comida aos pássaros
certo de que não me contarão
os seus segredos

não falam sobre o primeiro voo dos filhos
nem da oração aos seus mortos
nosso pacto é um pequeno monumento
trabalhado na calma luz da manhã

o mistério é nossa comunhão

farrapos da imprecisão

é privilégio dos vivos ter lembranças
coisas guardadas onde não sabemos:

de um avô, lampeja a velhice esbranquiçada em
passos bem curtos
palavras que não criavam raízes dentro da frase.
do outro, a matéria dos olhos assertivos-esverdeados
semeando a terra, plantando cajus e lutando contra
as formigas.

de uma avó, ficou a potência de uma mãe de muitas
mulheres
que não tiveram a sua mesma força.
da outra, a doçura-alegre de quem gostava de
bananas
e nos enchia o bucho com coisas boas.

o que fica são os farrapos da imprecisão
alguns flashes não revelados da máquina.

um café com os amigos

os fantasmas de estimação
me ajudam a escrever poemas
ao meio-dia, alimento o corpo
à meia-noite, dou de beber ao espírito

de imagem em imagem, repenso
o labirinto por dentro e por fora
o eixo luminoso que viaja no espaço
e visita a constelação de capricórnio

lamento a partida dos amigos
imagino onde devem estar tomando um café
vez ou outra, pegam na minha mão
quando deslizo o lápis sobre o papel
no limiar do sonho
uma alegria-gráfica brilha no escuro
– traçado de vida no risco do grafite

o veneno dos sobrenomes

a opulência açucarada
do trópico
e o gesto cordial-reacionário
de cada dia.

impossível não falar
das capitânicas
e dos rosários,
da alegria original
corrompida,
do suor negro
e de seu sal
distante.

o reluzir mineral e a
empreitada genocida.
as entranhas abertas
com a intransigência-muscular
das passadas aventureiras.

a língua estrangeira
penetrando a magia
da floresta
um desejo sem gentileza
se alastrando
pelos veios molhados,
recortando, demarcando
o silêncio adormecido.

ficaram as marcas
de uma estranha herança
o veneno dos sobrenomes

o escuro dos sentidos

ver as palavras e não enxergar nada
olhar o oco da grafia, tudo vazio
nem corpo, nem aura, nem fluido

ouvir um som sem voz de palavra
um ar estático, mordaz
sem matéria que penetre os ouvidos

andar no escuro dos sentidos
passo a passo sobre a falha tectônica
morfologia difícil de percorrer

– foi o que disse um experiente pajé
quando avisou sobre a queda do céu

a sedução do fim do mundo

vasto é o que não conheço
na imensidão do silêncio
quando fecho os olhos
e o escuro abriga o mistério
nesse lugar sem nome
se esconde o herói das estrelas

a história é coleção de ruídos
range um sentimento musculoso
em um minúsculo compartimento
onde esperança e pessimismo
divergem sobre o destino dos seres

– uma inteligência rizomática
alerta sobre a confluência dos mundos
a biologia das palavras e sua fisiologia mutável
sussurra versos com cheiro de terra –

mas, na distância inventada
entre os humanos e a natureza
cintila uma luz perigosa
a sedução do fim do mundo

› reabitar (2019)



enigma necessário

a idade é um labirinto que
se molda no combate
me interessa o enigma necessário
a emoção de voz suave

saudar o fluxo perene do sangue
festejar em silêncio o sol que ilumina o rosto
o incêndio calmo que aquece a carcaça

aparo os excessos de tempo junto à pele
seguro em uma mão o afeto de outra mão
em sintonia com um satélite
que orienta o desejo

– não se pode morrer facilmente.

a mensagem do santo

é noite de chamar o santo
para se proteger do fim do mundo

o santo mensageiro atende o chamado e
vem falar da leveza do avesso
da temperatura do desequilíbrio alegre
da seiva que fortifica a vida
como substância alimentar do espírito

o santo veio mostrar os caminhos para
os litorais nativos
o interior virgem de olhares estrangeiros
para as ervas que alimentam
na imensidão da floresta festiva

o santo bate tambor e dança
lança enigmas e pinta o rosto
toma cachaça e embola a língua
revela o futuro em conchas do velho mar
revolve lembranças tribais

o santo vai embora depois da festa
e fica o mistério da vidência
a esperança de que o mundo não acabará.

reabitar 2

1
a esperança
desafia a gravidade
e levanta os mortos

reanima os segredos da casa
com o toque do invisível

perturbamos
os domínios da morte
com nossa felicidade.

2
o irromper da luz
e sua energia
intangível

magnetismo
que me faz
manter os olhos
no nascente

e imaginar um lugar
que deus
não conheça.

travessia

saltar do visível para o invisível
pela palavra
travessia que avança
sobre a mortalidade
e prolonga a finitude

nesse espaço
deitar sobre a vida e a morte
plantar o coração
e esperar que germine
entre as mãos da terra

– ficar vazio do mundo
encontrar o silêncio primeiro.

teoria mortal do esquecimento

na noite estendida
dos viajantes
sonâmbulos

buscávamos especiarias nas
artérias alagadas
da infância

a memória
úmida em suas
reminiscências

encontramos
um mapa inacabado
onde fomos
continente

descobrimos
a teoria mortal
do esquecimento.

eternidade

cruso duas noites
no ventre das mãos

os relâmpagos cintilam
fé pagã e abolições
repito uma prece 80 vezes
dentro do silêncio magnético

cruso o que posso
na aldeia do pensamento

vozes que vêm de longe
no verso do tempo
sussurrar vertigens
de um evangelho cósmico

cruso algumas vidas
no terreiro de ossos

– a eternidade
é um sonho insuportável.

útero paterno

uma voz quebrada
corre dentro do homem

ecoa pelas tubulações
((((((((ósseas)))))))))
– o som vira carne-doída –
é o grito de um filho
que pede abrigo
a um pai

o homem sente febre
e tem medo de falar
o que lhe dói

tem medo da física
desse som e da realidade
da palavra

o homem alimenta
o filho com a substância
do seu útero paterno

e torce para acordar bem.

clara voz

polir os ossos
polir o pensamento
até a voz ficar mais clara
até encontrar uma geometria
que não caiba confissão

a força encorpa
dentro do casulo
nessa acústica especial
pensamento e ossos
andam em círculos

sabedoria que usa a amnésia
para construir teses
no movimento impreciso
o segredo aceita o exílio.

hóspede inconfesso

a noite
agasalha o silêncio
em pouca luz

mata a sede
do esquecimento

o hospede inconfesso
é uma miragem
com os pés na terra

um beijo
extremo de paz.

expansão do átomo

mamífero amplificado
tenciona oscilações
envia sinais duvidosos

um sentimento improvável
veste o animal com lágrimas
e o núcleo do átomo se expande.

o prazer do encontro

o homem desconfia
da tradição
e prefere codificar
uma natureza divergente

cansou das afirmações sólidas
e deseja conquistar
uma cidadania longe do medo
um título de gente
sem calafrio

plantar recordações em espaço borrado descobrir
uma língua
para o prazer do encontro.

caos calmo

além de memórias
o poeta coleciona sucatas e ruínas
para o trabalho nas madrugadas

o esforço manual e paciente
de descascar palavras
no precipício de criaturas cintilantes

lá onde os bichos são cegos
e a linguagem é um ruído
uma faísca no escuro das águas.

rotação dos vivos

os peixes
engolem o que os mortos
deixaram para trás

os caminhos
se abrem ante as lacunas
e o planeta
gira outra rotação

os cavalos
arrastam com a firmeza
de suas mandíbulas
a fé dos animais

– a força da natureza
vibra nos vivos.

› o avesso da lâmpada (2017)



recanto

ergo um museu de silêncios
entre besouros cegos e esporões perdidos
em uma praça que fica no coração da memória.

aprendi que a verdade é um signo inflamável,
que os bares vendem ausências
e que as pessoas estão cheias de vazios.

meu recanto é uma varanda no hipotálamo
ateliê onde rumino um orfanato de cartas
e rabisco pequenos infinitos.

carrego sempre um peso a mais
um insólito equilíbrio, uma poética selvagem
para me defender do grito sanguíneo do tempo
suicida

– escondo minhas relíquias no avesso da lâmpada
onde as palavras têm febre e a matéria se bifurca.

cine-mirante
ao som de guardia

por um tempo, habitei um endereço rarefeito
lugar difícil de se enviar cartas:

e de lá, assisti a chuva campestre
o concerto do coração dos homens
as crianças livres e sensíveis
a esperança viajando de trem
histórias de cozinha e de amor
o feitiço de uma mãe valente
as transparências de uma jornada interior
a oitava cor da música que dizia:

– toda paisagem azul é felicidade...

passaporte para uma pequena semana de verão
na plataforma alegre de oficinas incorpóreas
encontro de irmãos nas raízes de uma lembrança
milagre de ser e ter no corpo um abraço cheio
e um olho filmando tudo.

rinocerontes da ternura
para os amigos, ao som de the clash

nós, rinocerontes da ternura
nós, rinocerontes prometidos para a extinção
conhecemos bem os dragões da cidade,
os seus disfarces alcalinos, suas gírias oblíquas...
no nosso hemisfério de dentro navega uma jubarte
que nos salva dos naufrágios e do ataque do serrote.

nós, rinocerontes da última hora,
sabemos que todo pecado será abençoado quando
/feito com amor
sabemos também que um olho sujo enxerga adiante
quando dentro da noite vadio, o que se sente são calafrios.
não somos animais homeopáticos,
conhecemos o padroeiro das rodoviárias
e o mau cheiro de sua hospitalidade.

nós, rinocerontes do partido-romântico-libertário,
aprendemos sobre a música dos punks,
o delírio dos junkies e a formação da classe operária.
testemunhamos partículas de vida metálica
mastigarem esquecimentos em um bairro sem nome.
descobrimos que as ruas amadurecem
idades-descompassadas em sua estufa volátil.

quantos bairros demarcam nossa geografia
na urgência de uma lembrança qualquer?
quem são nossos aliados
nesse jogo secreto de forças invisíveis?

quem dos muitos com quem bebemos
serão solidários na derradeira hora?

– sobrevivemos com palavras diferentes
mas nos encontramos no afeto.

a poesia não dá respostas

exilado na terra natal, coleciono pequenas cidades hedonistas para encurtar distâncias. alfabetizo-me com as crianças que rabiscam segredos fora da página. elas têm devoção ao fogo misterioso, traduzem línguas incompreensíveis. o que elas criam não pertence a nenhum continente. brota em desertos, cresce em florestas, se reproduz nas águas, se espalha ao vento feito pólen perfumado. o que resta saber nesse curso duvidoso: quantas infâncias cabem nas gavetas do corpo? quantas mortes carregamos nos braços? qual lua é melhor conselheira? – a poesia não dá respostas para o caminho de volta.

infinito volúvel
ao som de velvet underground

quando o fogo alteia, sobrenatural se torna
tua arcada de medusa.
as tatuagens arcaicas grafadas nos ossos
emergem faiscando.

revolvemos em nosso motor
todas as guerras modernas.
recolhemos o marfim do antiquário
e nos lançamos na heresia da selva.
travamos uma batalha por noites
no ângulo aberto dos olhos ocultos.

não avistamos o mar de onde moramos
não temos nossos nomes demarcando ruas.
nos lançamos na vertigem ébria das asas,
no jogo cego das cartas.

ainda em silêncio, sussurramos uma luz escura
entre costelas e demais estruturas.
quando no infinito das eras,
nos tornamos volúveis.

– hospedamos nosso ser estrangeiro
no clube pagão das insolências.

arte com espinhos

frequento entulhos
para colher palavras de calcário,
alvoradas ingênuas me enviam
mensagens na interzona.

tenho um viveiro onde cultivo
um sincretismo modulado,
coisa rara de ver florescer
em tempos como os de hoje.

pratico uma arte com espinhos,
domestico a dor que não atende pelo nome.
sei que toda orelha tem um calcanhar difícil,
um escaravelho que não dá sossego.

o infinito que criamos dentro de nós
é um segredo íntimo.
sobrevive às pequenas mortes diárias,
resiste à conquista estrangeira.

amar é também mudar as coisas de lugar
neste insondável tecido que fiamos.
somos todos irmãos
na gaiola incandescente das civilizações.

– crianças que brincam em águas sem fim,
redefinindo o atlas da morte.

tudo chega de um mundo antiquíssimo
ao som de frank zappa

eu vi uma legião de jesuítas
silenciar florestas espontâneas
com sua pedagogia assassina.

eu vi caravanas de novos e velhos mestiços
aprisionarem peixes, lagartos e aves mensageiras
para legislar um código de honra obscuro.

eu vi um velho mar engolir desaforos
e guardá-los em envelopes de calcário
no fundo de sua paciência líquida.

eu vi homem e máquina
fundirem-se numa utopia selvagem
na cavalgada de sirenes.

eu vi a miséria da casa grande
radiografada em etiquetas de luxo
nos bazares e camelôs da cidade baixa.

eu vi um avião cair
e do alto da montanha
nascer um mito cinematográfico.

eu vi uma mãe e um santo
disciplinar um jovem dilúvio
quando em festa, alagou corações desabrigados.

eu vi begônias dizerem “eu te amo”
para um quilombo submerso
em erotismo tropical.

paisagem gasosa

o verão se acende
em fogo indomável.

as noites evocam sóis apócrifos.

demônios alcalinos se inquietam
e dormir se torna impossível.

– incompleto reino
onde as palavras
não abençoam ruínas –

na penumbra se agasalham
antigas febres hereditárias,
bisnetas de capitâneas do terror.

chafariz de assombrações
orações para santos sem nome próprio
os excessos da linha do equador.

– contemplo em silêncio a rinha polivalente.

de onde vêm as palavras?

*ser feiticeiro da palavra,
estudar a alquimia do coração humano.*

joão guimarães rosa

dizem que nasceram em um ninho de pássaros
e ganharam o sentido do voo.

algumas apareceram em um continente distante e
foram trazidas em pequenas mudas, por marinheiros,
na forma de especiarias mágicas.

outras, brotaram no alto das montanhas e
se espalharam feito pólen, levadas pelo vento.

mas há quem diga que as palavras são líquidas e
têm parentesco com os peixes.

os antigos acreditam que elas caíram do céu e
brotaram em forma de árvores por toda a terra.

os indígenas falam que têm a mesma variedade das
frutas,
cada uma com o seu sabor.

os poetas aprenderam sobre o cultivo das palavras.
eles plantam pequenas porções em seus jardins e
/regam com cuidado.

alimentam seus sentidos e modelam suas formas
até ganhar a firmeza para dizer as coisas.

as palavras exigem cuidado no uso diário.
precisam estar maduras para serem pronunciadas
/em som pleno.
têm que estar redondas para encher bem a concha
/do ouvido.

as palavras compõem a magia que nomeia o mundo...

a voz do abismo

como pensar no futuro
sem pronunciar a palavra medo?
a harmonia da morte não desafina
as águas não trazem alívios.

conheço uma mulher
que não sai mais de dentro de si.
desaprendeu a pronunciar “felicidade”.
– a família teve que sepultar alguns nomes.

o desencanto assalta a multidão
o terror estremece as fibras do afeto
e esperamos a queda em um campo minado.
– existe um abismo que não se cala.

as mães se pintam para a guerra
com o leite que alimenta a humanidade.
levantam o punho e perfumam as ruas
com sua coragem iluminada.

– a esperança transpõe as fronteiras armadas
resiste em assentamentos de plástico
e se salva em um abraço sem idioma.

correspondências # 3

meu peito já foi
prédio vazio.
não me fiz projeto
de ninguém.

moradores pra quê?

casa decorada
barulho pela manhã
problema de tubulação

o abandono
tem letra maiúscula.
preenche a textura
e o ambiente planejado.

hóspedes pra quê?

apenas companhia
de bicho que anda
em silêncio.

vão
p/ kilito trindade

funeral de espaço em superfície lisa
estado de suspensão do espírito
sentença ou ação sem sujeito
devastação especulativa que elimina
a afetividade da experiência

todo vão é abrigo de fantasmas,
lugar onde os sussurros marcam encontros.

vão

deserto de existência animal e vegetal
extensão que provoca desolamento
pela inexatidão do tempo
engenharia de lacunas, canteiro de renúncias
assepsia nefasta, intervalo opressor

é quando o passado tomba
e não fica sequer uma inscrição,
um substantivo concreto ou abstrato.

› bifurcações (2014)



A Mandolin
Ages with
a tree which
has been

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

herdeiros

hã de florescer herdeiros
gestados em um compartimento manso
em águas de balanço leve
dentro de nós
o desenho que fazemos já tem nome
é uma derivação da palavra amor.

bifurcações

ao som de the doors

os animais do inverno hoje são luas.

rubens zárate

bifurcar-se é inventar um outro, outros...
figuras derivadas de uma cosmologia sem
vértebras:

caçada com lança e espinhos
pescaria em céu domesticado.

a escritura diz:

desvendar o alimento que as águas oferecem
dominar o feitiço que existe no útero da lâmina.

estranha fibra que brota das rochas e se irmana nos
tendões
luz da manhã amadurecida no pulmão-estufa
experiência selvagem de animal paterno.

bifurcar-se é multiplicar imagem no espelho
opaco
exercício em águas inéditas
digestão de raízes lancinantes:

o olhar semiárido vislumbrou uma nova
especiaria
fármaco e veneno extraídos da febre de árvores
púrpuras.

a voz aconselha:

arremesse as sementes da fé no leito
orbital
 no planeta maior mesopotâmico
 na imensidão garganta da serpente luminosa.

o céu fecundo reproduz pássaros límpidos
o diafragma revela-se uma península de algaravias
estruturas semânticas cavalgam os pontos cardeais:
 o verbo-candelabro cega quando pronunciado
 no escuro.

bifurcar-se é contorcer os ossos
duplicar as artérias no inconfessável
estender a musculatura na dobra sonante
equilibrar-se em movimentos de rotação e translação.

a experiência ensina:

o viveiro de moinhos potencializa o corpo oblíquo
o sangue caudaloso transborda o contorno
original
 e inunda o outro, no milagre da enchente,
 na abundância mar da imaginação líquida.

útero incandescente banhado em
larvas
a ternura amolece os pés:
 continente que improvisa um
 arquipélago
 na dispersão do zênite que se desfaz.

bifurcar-se é quando um filho inventa um pai.

esticar o mundo
para marcelino freire

ainda é possível esticar o mundo com a palavra
poética
se aliando ao balé das arraias
aos porteiros que abrem os caminhos do mundo
às armas de misericórdia dos infames
aos livreiros da diáspora
às mercearias que sediam confrarias fugazes
aos tuaregues mensageiros dos ventos-suburbanos
aos engenhos e cachaças mágicas
aos taxistas sobrenaturais que detêm a arte dos
atalhos
ao cinema do oriente abandonado
às musas que habitam os labirintos da memória
aos andaimes dos cemitérios da carne
aos carteiros que espalham pontes silenciosas
às chuvas que inventam estradas aquáticas
aos jardineiros que curam e fazem partos nos
canteiros
aos gatos que amaciam os recantos da cidade
aos pintores alados que enfeitam os muros
aos bem-te-vis arquitetos do assovio
às crianças que dominam gramáticas horizontais

... é possível esticar o mundo.

palavra-mágica

quando os pés adoecem
e esquecem os caminhos
o corpo precisa inventar voos.

os peixes nadam na profundidade da costela
direita
na obscuridade do entre-ossos
migrando para o aconchego do litoral carnudo.

(a língua quando bem plantada
atinge veios profundos
manancial voluptuoso de fabulações)

busco então, a sobrenatural beleza:
as ancas africanas, a envergadura
monárquica,
a anatomia incendiária.

me visto de asas e de
lâmpadas
e vou ao teu encontro
com uma palavra-mágica adornando os olhos.

pescaria noturna

olho tua pele como uma estampa do infinito.

floriano martins

embarca tua forma épica
– delgadas linhas-curvas de alumbramento.

era de gozo que teu olho escorria
o perfume do primeiro encontro aniversariando
eram as terras novas: anônimas: sendo conquistadas.

nossa pescaria na madrugada
e o alimento festivo armazenado por anos na memória.
o tecido-de-peixes nos fez cardume na fileira dos meses,
nos fez naufragos de carnes unidas.

infante, tu me aprisionou no baralho como carta-salva-vidas.
tuas armas são atalhos úmidos
teu vocabulário: indomável:
revolta de mar solto.

o que se escreve do teu corpo não tem nome:
esôfago de veludo
onde me dissipou por tuas
cavernas-entrânhas.

se usasse brincos eles seriam satélites
rodopiando em volta de tua existência celeste.

teu peito-abajur vibra uma luz rara:
cor de céu medular.
teu riso é vitral bizantino flamejante
na arquitetura dos gestos translúcidos.

os centauros também amam

o coração é uma semente inventada.

herberto helder

natural é
existir sem roupa, palavra, cultura, bandeira...

há quem diga
que os centauros também amam
e que são doces os demônios das flores encarnadas.

há quem diga
que o amor transborda o peito
cria renda, bordado, tecido-muscular-elástico.

há quem diga
que o amor amansa a morte
e os rinocerontes de cobre envelhecido.

há quem diga
que o amor é bicho vadio domesticado
e que os amantes inventam esconderijos sublunares.

há quem diga
que o amor bagunça fronteiras
e que os líquidos confundem as estações do ano.

natural é
o amor construindo corpo.

a cordilheira que nos invade
ao som do clube da esquina

jubilosa figura ametista
teus lábios são territórios carnívoros e neles
traduzo tua forma de ser no balanço da casa:

– língua de dois conjugados
jurados até os dias últimos
pacto de selo-carne
ungidos em unidade rock
nos pátios da visão devassa. –

invado teu quarto secreto
me alio ao venenoso do teu signo
decifro a temperatura do teu pescoço-abismo
envio envelopes com serpentes sedutoras.

tua música tem fome de elaborações murmuradas
os miados são consequência de agrados sigilosos
marcamos no calendário um truque contra o tempo
num lampejo súbito libertamos desatinos circulares.

fulgurantes e contaminados, nos fazemos cordilheira
nossa essência réptil ... nossos rins vegetais ...
transfiguramos a mata densa em lençóis brumosos
... brotou uma orquídea lilás no alto de nossas virilhas.

naquele cemitério de asas
roubamos um voo que estava encostado
desenhamos raízes aéreas para o pouso
saltamos sem medo sobre os ombros rochosos.

o alimento das plantas

ruminando a luz do astros
tal como boi pastando esquecimento
iniciamos um plantio insensato
um jogo de cartas aquosas e
acendemos os dentes na mata.

incendiamos os ovários das estações
regamos com desvarios os muros e os túmulos dos
ancestrais,
as suas raízes de loucura e indigência maldita

– eco na correspondência de outros ecos –

no corredor das reverberações
os sons dos besouros se animavam com fósforos
gritando feito crianças em parque de diversão.

nossa harmonia sibilina equilibrada sobre as
pernas
criava movimentos endêmicos
espasmos na luz do vaga-lume,
enquanto passadiças eram as migalhas de
dias
alimentando as plantas.
nossas vozes sem brilho
nossas vestes sem plumas
nossa corrida derradeira
nossos sorrisos...

...escorregavam para dentro do
copo

para dentro do umbigo
para dentro de um vão longe da janela mimética.

agora, nossa velocidade polivalente reduzia a
voltagem

nos aninhamos na aurora boreal estocada na
dispensa

na dispersão do silêncio,

na dispersão das sombras:

– a noite é lagarta mastigando o sono.

o carteiro

hoje o carteiro entregou infâncias na casa do
poeta
e disse que a espera faz parte da gestação.

hoje o carteiro trouxe uma matéria não
repetível
e afirmou que sua feitura não passa por
oficinas.

hoje o carteiro rezou uma caminhada
longa
e foi buscar postais de um mundo imaterial.

hoje o carteiro fotografou ruídos
feudais
e os entregou em recantos
sem número.

hoje o carteiro endereçou urgências para corações
sem identidade
e explicou que a entrega é pensada no silêncio oco do
escuro.

hoje o carteiro plantou esperanças em um novo
endereço
e levou tudo em um grande baú cintilante.

hoje o carteiro inventou louças para um maestro
e disse que eram novos instrumentos que lhe chegavam.

hoje o carteiro embalou horas maduras
e uma família inteira fez farrá com o presente.

hoje o carteiro arrematou aromas antigos em um
leilão
e apontou para as despedidas se abalando nas
portas.

hoje o carteiro acordou de mau humor
e entregou infernos retirados de uma bolsa incendiada.

hoje o carteiro quis ser carta e ao invés de entregar coisas
preferiu se lançar às acrobacias da noite.

hoje o carteiro amanheceu de ressaca
e conversou com as esquinas e descobriu os abscessos
maquiados.

hoje o carteiro sentou-se com o poeta para tomar café
e prometeu que daqui a uns meses lhe trará o inesperado.

para uma criatura encantada vol. 1

tarsila olhos-de-fogo
é tu que acorda as tempestades
que liberta os dias dos casulos
que empresta bagagem para os peixes.

relâmpago embriagado
segue nas léguas de antônio
cavalga flechas de outros temperamentos
e avança sobre as dimensões do espírito.

tarsila olhos-de-fogo
leva no gesto o desassossego
os aromas fugidios do vento, o rabisco das estações
difíceis
deita existência profunda em cantos vazados.

arquitetura atonal sobre capim-
santo
figura de encantamento rarefeito
são tuas vidas que iluminam os abrigos
suspensos
morada de bandini e amelié.

tarsila olhos-de-fogo
escapou do domingo fantasmagórico, da catequese
mafiosa
não quis ser pássaro, prédio selvagem, planta
ornamental
mas só o amarelo lhe veste bem.

teu humor é ternura tatuada no umbigo da
aurora
olho imundo de todas as vistas
encantadas.
amarelo é o rastro de bondade-acesa nos salões de
porcelana
onde aplica falcatruas maravilhosas.

tarsila teus olhos provocam incêndios nos
cemitérios barrocos.

para uma criatura encantada vol. 3

não tinha acordo naquele dia
não tinha um encontro marcado.
mas ela estava lá, com sua língua distante e seu truque
escondido.
foi assim, desde então...

intensa a energia do seu motor celestial.
não é de rasantes profundos, mas aprimorou seus
limites.
veloz o seu pensamento executando disfarces.
fez de seu olhar uma homenagem aos ipês.

traz um mistério nas pegadas – uma charada.
perdeu alguns amigos para os mercadores vintage,
– suas crianças foram embora para casas sem nome.
aprendeu que a vida é se conformar com as
ausências

não escreve cartas e é avessa a
telefonemas
suas escolhas são místicas e reservadas.
se veste com a densidade do preto: sua cor favorita.
seu ofício é costurar lembranças em um armazém de
/abandonos.

seus gestos são concisos – poucos
movimentos.
cultiva um jardim solitário onde descansa à
tarde.
não duvida da fé, mas prefere o onírico.

– a impaciência é o seu defeito.

teve sorte uma vez, quando paquerou um desconhecido de
/barba.

para uma criatura encantada vol. 6

de beleza, vivem os seres que festejam a vida sem grandes estardalhaços. existem sem a cobrança e a espera pelo amanhã. se espalham pelas planícies de mansidão confortável. não se preocupam com a independência das nações ou com a previsão do tempo. praticam uma espiritualidade que abdicou dos livros, dos ensinamentos e dos deuses. sua revolução é um desenho do olhar, desdenham do cronômetro e da hiperinteratividade. o silêncio lhes basta para o gozo tranquilo do sono, enquanto o mundo se desespera à beira do precipício.

para uma criatura encantada vol. 7

não viveu na companhia de uma única
pessoa
tinha uma movimentação instável.
seus meridianos quase sempre
desalinhados
não favoreciam um mapa astral seguro,
solar.

de personalidade selvagem, demonstrava uma simpatia
/sussurrada
frequentou uma escola nômade-heterodoxa
coleccionava sermões do sub-mundo e liturgias marginais
quase nunca tinha bagagem e nem falava de sua
família.

só teve lares de fantasia e uma casa que existia em
sonho,
que lhe visitava com frequência, aquecendo sua
esperança.
exibia um olhar ansioso e uma tristeza erosiva
se gabava das cicatrizes eloquentes.

em conversas, pronunciava sons graves,
dissonantes.
nem sempre tinha razão
sabia quase nada de poesia, era displicente com as
palavras

não se interessava pelas intimidades desbotadas dos outros
vivia a ambiguidade de um passado caótico e de um presente incerto.

foi a festas que tocavam david bowie, lou reed e se embriagou
sua gentileza insólita era uma marca latente
carregava um fogo indolente como amuleto protetor
nunca foi a um médico. tratava suas dores com solidão-
/analgésico.

antes de desaparecer, comentou que a saudade é privilégio dos que amam.

dylan thomas esconde na língua
um enxame de raios em forma de punhal,
ventania que desalinha os meridianos
geográficos.

cultiva uma sombra longa,
um véu espesso,
capaz de apagar toda a constelação do
zodíaco.
corvo de aço forjado
carrega nas entranhas uma rapina de metais pesados
moldados em bigorna.

sem medida

as casas fogem de repente
e em seu lugar há uma carta.
enrique molina

longe dos olhos o alimento é
saudade
o que se carrega na mochila é
rarefeito
a voz que vem de dentro é
mitológica
reza uma fronteira e lembra uma origem.

longe do lar o encantamento é armadilha
os cartões-postais realizam um cortejo
tímido
as paredes vestem um luto cordial que se
renova
as águas dão forma a céus de misericórdia.

longe do corpo o relevo de um sorriso adormece elefantes
o nome próprio é um signo abstrato e sangra a falta de
carne
os músculos são cordões inanimados em jogo voraz
os pássaros tomam posse da cabeleira abandonada.

ecos de uma luz distante

herdei um feudo obsoleto e
seu testamento ruidoso.

– um cabedal ralo:
tratado de honra, lar efêmero...

uma terra fatiada
que se divorciou do matrimônio das
águas
para o plantio de flor-de-pedra.

– recanto de voz
metálica
que abriga
assombros.

insônia perpétua que viaja sem descanso
ignorando as gerações em ritmo bárbaro.

– ecos de uma luz distante)))))))))

por muito tempo
elaborei madrugadas em lábios rugosos
montei estandartes e
confeccionei máscaras para afogados.

o que herdei não se decifra
– não há ganho –
se aposta diante do espelho.

matadouro

a província diz não aos seus filhos,
é rude e é árida, mesmo quando farta e molhada.
então liturgia de campo arrasado.

a província tem canto maldito.
não hospeda sementes em seu leito.
exporta desertos para quem mal diz sua sina.

a província é geografia esquecida.
nenhum coração palpita por seu
mapa.
nas suas rotas corre sangue de
matadouro.

a província deflagra
dizimações.
cultiva um cemitério
farto.
sisuda e quente, cozinha a própria cria.

› insólito (2011)



insólito: carregar cemitérios e ferrugens nos bolsos: o mar quando escapa pela fenda e escorre para dentro do olho, como barragem que estoura o que lhe detém ou dente abrindo caminho na gengiva passiva: o sono do gato é abismo profundo sem escadas, escamas, cabelo, corda para se agarrar: o ranger desencadeado pela ciranda da lua desenterra pássaros, carrancas e borboletas que carregam santuários coagulados nas ruínas de suas asas oxidadas: – a mancha úmida na pa- rede é gozo do tempo.

sábado desaba em andorinhas

*e alguns meninos idiotas encontraram pelas cozinhas
pequenas andorinhas com muletas
que sabiam pronunciar a palavra amor.*

garcía lorca

a luz do dia acolhe o amor que acorda. as andorinhas brincam no parapeito dos prédios sem se preocuparem com seus pais, incorporando exus e fazendo acrobacias perpendiculares ao canto da multidão. não há como remendar os rios, nem fazer dos galos o despertador das metrópoles. uma rua de escamas espera uma cor cair do céu para alimentar sua história. pessoas fardadas borram o vento que passeia. o som de um pandeiro modela as curvas dos pedestres: um inseto faz-se broche na manhã de nossos peitos.

um paquiderme atravessa o beco dos
sonhos
onde se transam tóxicos.

orixás e poetas dançam em um show de rock
desmontando a coluna vertebral da noite.

há uma assombração em meus
calcanhares
e uma casa azul dentro dos ossos.

fotografo o absurdo para não dizer nada
revelando instantes binários em pigmentos de absinto:

fotolitos de cinema usado
na despensa de uma avó do século
passado.
um paquiderme atravessa o beco dos
sonhos.

a previsão do tempo é uma falácia

p/ mardônio frança e nuno gonçalves

os brinquedos, os jogos de adivinhação, a cidade e suas se-
nhas-salamandras, as mandalas hipnotizadoras, a
rota da barbárie e as memórias que entregam o seu
coração aos ban- deirantes, que entregam seus nomes,
sua prole, seus sonhos de se tornarem camaleões
ou peixes ou águias ou fogo. há setas que apontam
pro norte, há uma confusão nos sensores, sentidos,
os poemas-malabares cospem fogo, os cheiros e o
sexo estão longe, o mar chega para lambar e sarar as
feridas, o vento é chicote bem vindo nas costas, os
brinquedos agora obsoletos, as conchas do mar, o
pára-quadras está nas cos- tas esperando ser aberto,
a cidade colméia cria seus doentes mentais, a cidade
frankstein devora seus doentes mentais, a cidade
é uma seqüela aberta, ferida que nunca sara, cores
mortas, portas fechadas, pernas e braços e cabeças e
troncos espalhados pelas calçadas, os desenhos que
se pintam são hecatombes, terremotos, nada de cores
de almodóvar, a cada esquina um besouro a descer
pela garganta, a sala de estar é um calabouço, um cala-
boca, uma mordança, moscas cercan- do os cadáveres
da cidade-hospício, cercando as mentiras e a dor da
lembrança, pegamos carona em corpos alheios pra
esquecer os sonhos ruins, há lugares que vendem
coisas que já aconteceram, que já tocaram, que já
foram vistas, que já foram lidas ou faladas, a cidade é
uma sucata velha teimosa.

escorpião na casa de capricórnio

chove um som verde na paz dos musgos e os crimes se liber-
tam nos quartos de motéis: nos encontramos com a fúria de dois cometas que se chocam, movimentos selvagens, contra-
dições na faringe metálica e sexo na contorção fumegante dos corpos irresponsáveis – (os olhos são ogivas de cilício sobres-
saltando as costas) – nossos fluidos escorrem para o mangue da alma: rio caudaloso a desmantelar a neurose dos pontei-
ros em estranhas experiências, como se toda a história fosse só um agora – (o que sobra são os garranchos sobrepostos e os escombros molhados) – violamos o que de mais íntimo nossos pés tocam, saltamos as pontes, as linhas de trem e o azimute do horizonte – (é inútil pensar que sairemos ilesos à noite) – nossos delírios conjugados cavalgam as luas de sa-
turno enviando sinais jamais pronunciados – (os braços que nos cercam são noctâmbulos) – as carícias desmancham ar-
maduras, recolhendo para a dispensa a utilidade das unhas de aço: nosso amor fosforescente se escreve na avenida eros.

é preciso alimentar a loucura que carregamos
na mochila
(ao som de björk)

sinto o cheiro de teus movimentos coloridos violando
minhas brânquias, desorganizando meus órgãos.
as luzes derramadas pelos teus dedos formam
cachoeiras de revelações: conexões que nos suturam
um no outro. tateamos no escuro nossas planícies de
suor intenso, enquanto devoramos as dimensões
da moldura escalena. nossas barbatanas, escamas,
esporões, se amalgamam na alameda de nossas
orelhas. há dias em que surtar é inevitável e as cordas
não conterão as vertigens. há dias em que a potência
transborda os paredões de contenção e subimos as
calçadas e gememos sem parar: alimentamos nossa
loucura com o borrão de nossos passos vadios.

tudo não passa de um despacho

(ao som dos afro-sambas de baden powell e vinicius de Moraes)

abre os braços e sem dizer nada enlaça tuas raízes na língua oblíqua que queima. alimenta o peixe-poeta que tu carregas no bolso e não te preocupes, temos ternura e veneno para nos defender dos lunáticos. o som dos violinos arranca os pêlos do peito e faz deles travesseiros pros ouvidos cansados. meus olhos ardem – pão de milho – e os anjos choram na cidade de tanta felicidade. cavalgamos os grilos do devir e domestica- mos o mau olhado que nos cerca. as árvores absorveram nos- sa febre e seus galhos ostentam bolsas de soro. a cidade que devastamos, hoje, é orifício da terra: brejo que esconde nossa fragilidade. arquejamos após o contato com as entidades do além, no terreiro das parabólicas.

dois perdidos no paraíso fantástico dos
lunáticos

a escuridão dos teus olhos esconde um jardim de samambaias arcaicas e caixinhas-de-música, embora a primeira visão seja a defacas. a carroça que transporta nossa letargia desconserta a caligrafia do tempo e a linda tristeza do samba dá forma às paredes que revestem nossos dias: como cornucópias decorando a península dos enjeitados. – percebemos a geometria do outro através do faro: lampejos no rodopiar do carrossel de cavalinhos infantis. renascemos a cada morte providencial, toda vez que um novo poema se inscreve na órbita das alfazemas.

se os cinzeiros falassem
contariam histórias de bocas esfumaçadas.

ela mostrou o olho do desejo
e a profundidade de sua vontade.

os corredores e escadas levam às igrejas do
passado
e aos mitos novos forjados na noite
com o suor e a carne das
ruas.
lugar onde os poetas se
perdem
e penhoram o coração.

música para indecisos

a música corta os olhos e transpassa a carne
carrega as horas dos indecisos
por livros velhos, cidades-labirinto e noites-cinema
correspondência de sonhos intranquilos.

nas gavetas da memória uma infância barbada
e poemas-biscoito no café da manhã
com aquela ferrugem que carcome os dentes.

doses de pílulas em tecnicolor
e em caso de incêndio nas partes íntimas
deixar o fogo consumir o resto do corpo.

cartões-postais do fim do mundo

o olho em falso vacila na transversal:

no cheiro do medo, o faro desmedido
no horizonte, uma procissão de pássaros
fosforescentes
há sol em cada canto do dia e os orixás fazem
poemas-
crianças

modigliani montado em um ganso
alimenta os peixes com a estranha beleza de suas
mulheres.

uma tempestade de insônias sopra nos olhos:
os faróis acendem uma cadeia de mandíbulas
os vestidos caem do céu no museu-retina-de-
porcelana
uma filha de lilith rola à beira do lago das danações
grandes doses de pílulas de café são dadas às
estátuas da cidade
e baudelaire translúcido flana na rua do hospício.

– os corações saltam de pára-quedas
e os turistas fazem festas
nos cartões-postais do fim do mundo.

> fractais semióticos (2005)



poema de fuga ou mais um dia de furto

john fante pediu que eu o salvasse
– salve-me, salve-me, salve-me –
ele pediu que eu o tirasse da solidão do beco...

e todos os calafrios e trovões possíveis estavam de volta
a dormência na coluna vertebral
o cérebro congelando a cada passo deficiente
a febre insana mastigava as células do corpo aleijado
no momento do furto intelectual
embora mil olhos virtuais vissem os batimentos do coração
o limite da lei não era mais distinguido
só queria o prêmio e pegar o ônibus azul 327

conferi página por página
uma, duas, três, quatro, cinco vezes,
até a certeza de que eu passaria vivo
pela porta de vidro com john fante
e era necessário sair vivo para mais furtos
era necessário sair vivo para escrever e contar o furto
antes que os ossos dos braços e pernas e costelas
se quebrassem em 1 587 páginas

o medo amarelado escorria pelo sanitário
enquanto o semblante do rosto se tranquilizava
e sentia o alívio, pois havia um alibi

eu só não sabia qual era naquele momento de euforia.
eu não tinha a senha, eu não tinha os números.

fugir, fugir era o dilema.
fugir e entrar num bar pra encher a cara,
fugir e desbancar cartéis semióticos
e como um pop star da miséria, sair sem pagar a dívida,
sair sem pagar a minha dívida externa
e ainda xingando o garçom de filho da puta,
seu filho da puta !! seu filho da puta !!
e terminar o atestado de culpa a tempo de...
antes que o século-hospício me engula.

era preciso que eu me salvasse de mim !!!
era preciso que eu me salvasse de mim !!!
antes que fosse noite e eu conseguisse fugir
com os loucos lobos lunáticos para o labirinto do minotauro,
para dentro de ask the dust.

um filme da sociedade secreta

chapado de coisas
passeando por várias realidades
até a pornografia da alma
convulsão de sentimentos.

um mosquito morto na palma da mão,
sob a mesa uma proposta indecente
crime passional.

um sorriso e suas entrelinhas
escondem bombas no afeganistão.
cada verso, uma microcena
do devir-cinema
flashbacks do futuro.

luz, câmera, ação!
uma guerra santa contra
a indústria cultural
um anti-herói ladrão de livros e selos
é o ator principal
beijo com gosto de anthrax
ataque epilético e tesão
utopia dramática
personagens lunáticos
romance by realismo fantástico
roteiro de curta metragem

pela ânsia de destruir
os espelhos opacos
a moldura inflexível do nosso quadro,
a decadência de nossos seres incongruentes.

renegamos ao sepulcro a piedade cristã
destruímos prédios com urros de tnt
nossa fúria intragável derretia naturezas mortas

anestesia no céu laranja das cidades invisíveis
visões ilícitas projetadas pelas galerias da sociedade secreta
nossas feridas latentes não querem depositar segredos no cofre
invisível
temos a nossa viagem particular no submarino-centopeia
temos também paixão em excesso para o desespero corriqueiro
e um cavalo-marinho para fugir nos momentos de histeria.

nossas dívidas banais pagamos com delírios coloridos,

a cidade frankstein

*hoje pela manhã as árvores estavam em coma,
meu amor cuspiu brasas nas bundas dos loucos.*
roberto piva

decrépita-província-teresinense:
quando seus filhos alçaram voos sobre as pontes
você decapitou suas asas com lágrimas de enxofre

– precisamos fazer excursões para a kaddish de ginsberg
precisamos fazer excursões para a kaddish de ginsberg –

invadir o pavilhão velório do ser
com olhos de molinese triste e
réquiens para os tremembés.

(minha dor pesa 64kg)

esfregar os dentes até que eles caíssem
por desespero e sangue desgarrado.

tomar café pirado pra da boca
sair alguns fractais semióticos
escrever em diários sem páginas
na velocidade das palmas das pálpebras
após ter conhecido a maldição de muitos
no ônibus diário dos sonhos

um monólogo de surtos e lapsos histéricos

em plena poextasia alucinada
o assédio dos demônios no calvário da cama
decompondo a carne podre do devir.

no dia em que todos descobrirem o que são
eu saberei quem botou fúria araucana
na cabeça da marina após seu nascimento

meus cactos estão morrendo na sombra dos totens
/de argamassa
meus cactos estão morrendo na sombra dos totens
/de argamassa.

maníacos em busca da salvação

sentada na extremidade trêmula do abismo de seu dormitório,
subindo cada andar com o máximo de desespero
antes que as asas arrancassem do corpo e
suas feridas comessem todos os insetos imaginários;
um pulo e outro rumo ao centro da gaiola de ossos.

sentada na extremidade, quase queda,
do abismo que carregava em suas mãos
as portas se abriram sob seus pés
com todos os seus crimes e armas para a libertação.

ao alcance dos lábios e
as lágrimas enxugavam-se a cada sensação de distância,
embora Jesus beijasse a boca de seu companheiro e
o carro fosse rápido entre as nuvens escuras e o clarear do dia
saltando todos os telhados com nossos delírios alcoolizados,
fome nos olhos e carregando a bagagem como um caracol
em mudança.

conseguimos escalar várias paredes;
criar pontes sobre o vazio que perseguia nossas pernas.
mas nossas penas de anjo logo se decompueram
quando a chuva de luz solar nos atingiu:

caímos sem paraquedas para fora de nós mesmos

SOBRE EL AUTOR



DEMETRIOS GALVÃO (Teresina/PI, 1979) é poeta, editor e professor de história. Autor dos livros de poemas *Fractais Semióticos* (2005), *Insólito* (2011), *Bifurcações* (2014), *O Averso da Lâmpada* (2017), *Reabitar* (2019) e *O Mundo Feito com as Mãos* (no prelo); dos livretos *A Inconstância dos Fluxos* (2023), *A Grandeza do Rinoceronte* (2024) e do objeto poético *Capsular* (2015). Tem poemas

publicados em diversas antologias e revistas literárias. É coeditor da revista *Acrobata* e do projeto *Atlas Lírico da América Hispânica*, assim como, integra a Rede de Aproximações Líricas (ambos projetos fazem a ponte com a literatura hispano-americana).

Esta antologia pessoal foi montada a partir dos seguintes livros:

Fractais Semióticos, Teresina/PI: Fundação Cultural do Piauí, 2005.

Insólito, Fortaleza / CE: Ed. Corsário, 2011.

Bifurcações, São Paulo/ SP: Ed. Patuá, 2014

O Averso da Lâmpada, Belo Horizonte/ MG: Ed. Moinhos, 2017.

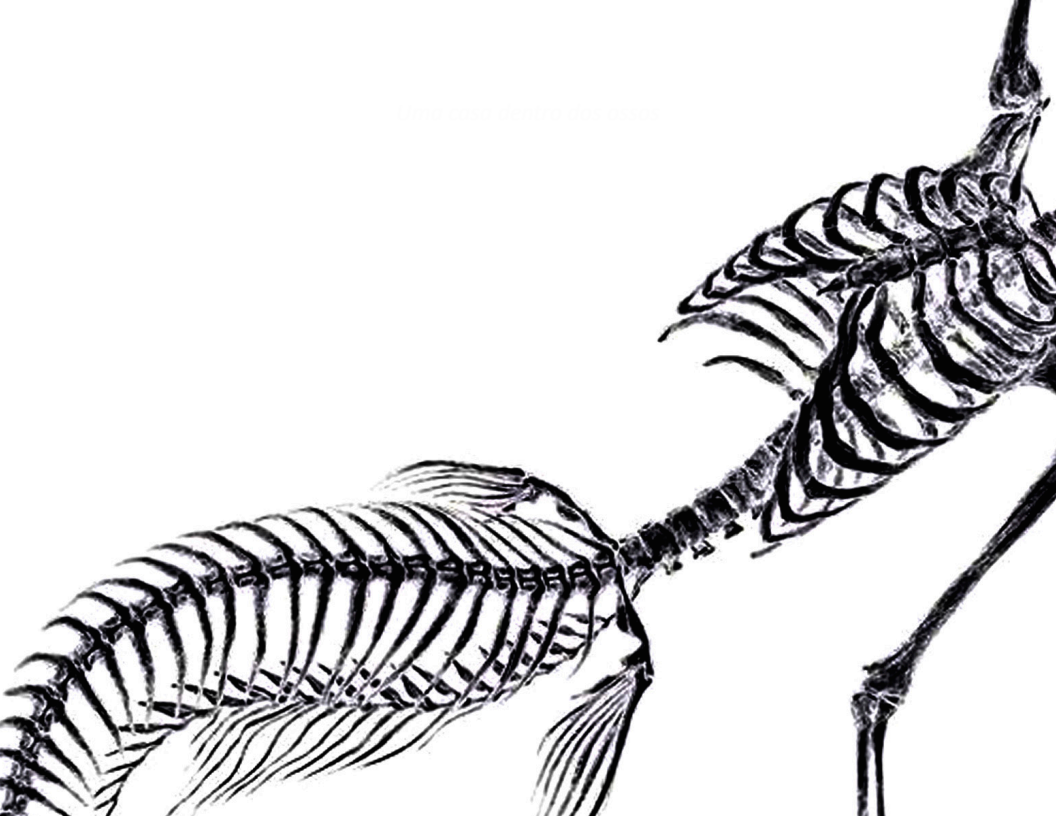
Reabitar, Belo Horizonte/ MG: Ed. Moinhos, 2019.

O Mundo Feito com as Mãos, Teresina/PI: Fundação Quixote, 2025 (no prelo)



Uma casa dentro dos ossos, de Demétrios Galvão, se terminó de ensamblar en marzo de 2025. En su composición se utilizaron los tipos: Californian FB, Minion Pro, Garamond Premier Pro: 10, 12, 14, 18, 24, 30.





2024



Colección Libros Imposibles
2025